

para um público cuja sede de saber e de se informar se amplia cada vez mais, e esse exército de trabalhadores deve ser remunerado de forma compatível. No Brasil isso também acontece, mas o recrutamento dessa força de trabalho torna-se cada vez mais difícil, e os antagonismos repontam a cada passo. Por toda a parte, no mundo capitalista, as necessidades materiais — capital fixo — e as necessidades em força de trabalho — salários — demandam grandes recursos, vultosos capitais. No Brasil, esses grandes capitais são ainda escassos.

Um grande jornal é, realmente, empresa de dimensões fora do comum. Para ilustrações, apenas, vejamos o resultado do trabalho dessa gigantesca fábrica, em um jornal que caracteriza o capitalismo em sua última fase: “Do ponto de vista material, o *New York Times* é isto, numa edição de domingo: uma primeira seção de 32 páginas, contendo especialmente noticiário telegráfico; uma segunda, de 10 páginas — notícias sociais (na imprensa do nosso país, *notícias sociais* ocupa uma coluna); uma terceira, notícias financeiras, com 8 páginas; uma quarta, de editoriais, com 10 páginas de comentários, tópicos, artigos; uma quinta, de esportes, com 12 páginas; uma sexta, a revista de livros, ou o *Book Review*, 40 páginas em rotogravura; uma sétima, magazine de variedades, 28 páginas também em rotogravura; uma oitava, 6 páginas em rotogravura — fotos de acontecimentos; uma nona, com 12 páginas — dança, arte, rádio; uma décima e última seção, recreação — noticiário filatélico, bridge, fotografias, 8 páginas. Ao todo, uma edição do *New York Times*, no domingo, contém 166 páginas, das quais 92 em rotativa comum e 74 em rotogravura. Não existe jornal que possa apresentar isso. Materialmente, já seria alguma coisa de extraordinário, como trabalho condensado e como esforço realizado. Mas tecnicamente, digamos *intrinsecamente*, o que está aqui dentro é muito mais importante. Tendes, neste jornal, não apenas o noticiário de *um dia do mundo e dos Estados Unidos*, mas também opiniões, comentários, interpretações, crítica, estudo, análise, em suma, uma *universidade impressa*. Um grande jornal, como o *New York Times* é uma universidade impressa. Não pode ele ser avaliado, pelo menos por mim, em dinheiro, no seu *quantum*. Entretanto, quando morreu o velho Adolf Ochs, em 1935, no seu inventário os bens relativos ao *New York* — título do jornal, edifícios, máquinas, patente de fonofoto, participação na *Press Wireless* e na *Northamerican Newspaper Alliance* — foram estimados em sessenta milhões de dólares. São um milhão e duzentos mil contos. Releva notar que, nos Estados Unidos, a taxa de transmissão sobre herança chega a 75%, de onde se pode concluir que as avaliações de inventários sejam propositalmente rebaixadas. Pode-se presumir, assim, que os sessenta milhões de